O espírito da Expedição Langsdorff, diplomacia científica e a identidade cultural brasileira

R. P. Alencar e P. R. de Macedo-Soares

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/cultura/5511>

DOI: 10.4000/cultura.5511

ISSN: 2183-2021

Editora

CHAM — Centro de Humanidades

Edição impressa

Data de publicação: 31 dezembro 2019

Paginação: 125-155

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

R. P. Alencar e P. R. de Macedo-Soares, «O espírito da Expedição Langsdorff, diplomacia científica e a identidade cultural brasileira», *Cultura* [Online], vol. 38 | 2019, posto online no dia 02 janeiro 2021, consultado o 25 julho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/cultura/5511> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/cultura.5511>

Este documento foi criado de forma automática no dia 25 julho 2021.

Cultura is licensed under a Creative Commons Atribuição 4.0 International.

O espírito da Expedição Langsdorff, diplomacia científica e a identidade cultural brasileira

R. P. Alencar e P. R. de Macedo-Soares

NOTA DO AUTOR

Este artigo reflete ideias e iniciativas de seus autores, e não necessariamente posições oficiais do Governo brasileiro. Este trabalho busca estar em consonância com os valores e princípios da Política Externa Brasileira relacionados ao diálogo, à dignidade humana, ao desenvolvimento e aos direitos fundamentais do indivíduo.

A vida era tão breve
que poucos aceitavam
correr um risco leve
para somar-lhe algo.
O cônsul Langsdorff
cumpru ordem do tzar
para o mistério do Brasil
subtrair em expedição.
“Langsdorff quis fazer
a viagem mais incisiva
de quantas somarão
as artes e as ciências.
A expedição subtraiu
do diplomata russo
mais do que rublos
e gravuras: a razão.
“Brasil: pudera desafiar
o tempo com uma espada

de luz, tivesse o gume afiado
que enfrentasse a morte
em sucessão infinita
de horas difíceis, soubera
criar o mundo em seis
dias, como um deus.
Sena 2007, 22-23.

- 1 Dos versos do poeta e diplomata Davino Ribeiro de Sena, captamos a inspiração de uma comitiva célebre do século XIX, a qual compôs a famigerada Expedição Langsdorff, uma grande missão de reconhecimento do interior do Brasil. É interessante notar que esse evento talvez tenha tido enorme peso na formulação da identidade brasileira, o que nos leva a indagar, neste artigo, sobre como seu uso no tempo presente, para se referir a uma identidade constituída historicamente, pode servir de importante referencial cultural.
- 2 Neste texto, contudo, preferimos não abordar o tema sob a discussão presente na ampla bibliografia internacional disponível sobre o tema da identidade nacional brasileira, ao menos não sob a perspectiva sociológica tradicional. Há críticas recentes no Brasil sobre as explicações essencialmente conteudísticas, as quais aspiram constituir um marco teórico, sem contudo valer-se do rigor epistemológico correspondente para alcançar um teor conclusivo. Assim procedemos com vistas a prevenir o uso fetichista do conceito e seus hiatos causais (Gusmão 2012, 196-215). De fato, relacionar de um modo causal observações sobre a Expedição Langsdorff com o processo de formação da identidade brasileira implicaria observar com maior precisão como a expedição teria se inserido nas matrizes étnicas, nas manifestações de cultura recorrentes, na rotina sociocultural que conforma o processo de urbanização, assimilação e segregação no cadinho que engendra a cultura brasileira, sempre dinâmica e diversa, conforme assinalada por Darcy Ribeiro (Ribeiro 1995), o que não é o propósito deste artigo.
- 3 Optamos, portanto, por observar os aspectos da Expedição Langsdorff pela dimensão sugerida por Max Weber, sob o que talvez possa soar de início pretensiosa: a denominação de “espírito”, “um complexo de elementos associados na realidade histórica”, unida em um todo conceptual do ponto de vista de um significado cultural. “Assim, o conceito final e definitivo não pode figurar no início da investigação, mas deve surgir ao seu término” (Weber 1989, 28). Também Hannah Arendt ressalta que dedicar-se a pensar a atividade do “espírito” se contrapõe justamente aos “códigos de expressão e de conduta convencionais e padronizados” que “têm todos a função reconhecida de nos proteger da realidade, isto é, da interpelação apresentada à nossa atenção pensante por todos os acontecimentos e factos em virtude da sua existência” (Arendt 2011, 14).
- 4 Buscamos encontrar, portanto, certos aspectos no decorrer dos registros e da análise da constituição de uma expedição específica, com vistas a identificar os aspectos que sobressaem durante a busca de descobertas sobre o território brasileiro; e pensar sobre os seus efeitos para constituir o que teria hoje significado cultural, para determinar, sob o que compreendemos ter obtido repercussão de pesquisa, o que contribuiu como uma referência para a construção de uma imagem do Brasil, dentro de um circuito identitário de uma estrutura política de grande complexidade, em permanente renovação. O problema de enxergar historicamente e de trazer outras expedições para destacar a importância desse “espírito” de desbravamento (que inevitavelmente, ao ser

concebido, define também a ideia de amplitude de um território) foi conduzido sem adentrar em uma perspectiva sociológica comparada; ao menos não da maneira da escola americana, na qual habitualmente se distingue o conceito geral de ação, sistema social e sociedade (Parsons 1969). Esse problema aparente se dissipa na relevância do próprio processo de reflexão sobre o tema, pois “o pensar aniquila as distâncias tanto temporais como espaciais. Posso antecipar o futuro, pensar nele como se já fosse presente, e posso recordar o passado como se ele não tivesse desaparecido. [...] não só as distâncias mas também o tempo e o espaço são abolidos no processo de pensar” (Arendt 2011, 98).

- 5 Nesse marco histórico de referência, analisamos então a sua conformação e o seu significado cultural, primeiramente em seu tempo; o significado que veio a ter posteriormente, por meio da segunda descoberta dos arquivos da Expedição Langsdorff, de maneira inusitada. Trazemos ao leitor referências visuais dos elementos que foram destacados recentemente por iniciativa de um importante centro cultural, antes de pressupor como o tema pode se relacionar com a formação histórica de uma identidade brasileira. Por fim, o artigo reflete sobre os significados e qualidades do Brasil trazidos à tona pela Expedição Langsdorff, os quais poderiam vir a servir como instrumento de referência para desenvolver, nas relações internacionais, a postura e identidade brasileira, bem como inspirar novas incursões culturais em um território real, simbólico ou de memória. E afinal, busca-se neste artigo registrar como comprometimento cultural uma transmissão de saber social, o qual poderá ser assumido por pesquisadores que venham a se dedicar a aprofundar e desenvolver o tema.
- 6 Na verdade, como bem assinala a acadêmica portuguesa Fernanda Cravidão nos seus conhecidos estudos que vem desenvolvendo há alguns anos sobre a obra do notável romancista português Ferreira de Castro, os geógrafos franceses do século XIX, que durante suas expedições foram também ensejando contos, poesias e crônicas, estavam já naquela época produzindo eles próprios a valorização de um espaço pela cultura, tornando o lugar um centro de análise do ser humano; com base na experiência vivida dos geógrafos se poderia decantar o entendimento sobre a paisagem, de maneira a melhor compreender as relações complexas que se estabelecem entre a população e o território, sendo ampla a vertente da geografia cultural que se dedica a explicar espaços desbravados e ficcionados pela literatura e pela arte. Compreender a formação de um “território da memória” em que a nacionalidade brasileira é construída pela diversidade e exuberância da natureza seria um alvo para teses posteriores. Algumas linhas de pesquisa específicas incluem, no Brasil, de praxe, material de uso literário em que essa memória foi construída.
- 7 Por exemplo, pode ser constatada a inclusão de obras literárias em um belo estudo de história potamográfica baseada em *O Guarani*, de José de Alencar, *Capítulos de História Colonial*, de Capistrano de Abreu, e *Relatos monçoeiros*, de Affonso Taunay (Oliveira 2007).
- 8 O que buscamos analisar, portanto, tem a ver com a construção de territórios reais, memoriais e simbólicos por meio do percurso artístico de uma expedição historicamente relacionada e impulsionada, de certo modo, pela presença da Missão Artística Francesa, a qual desembarcou no Brasil em 1816, para introduzir na nova capital do Rio de Janeiro o estudo das Belas Artes e das Belas Letras, liderada por Lebreton, em decorrência da transferência da Corte portuguesa para o Brasil.

- 9 A Expedição Langsdorff contudo aproveitou esse ímpeto civilizatório e artístico para canalizar um novo “espírito” científico de desbravamento, o qual se materializava nas expedições científicas de navios que à época estavam na moda, congregando grandes personalidades de seu tempo. Compuseram a empreitada que se iniciou em 1821: o próprio cônsul russo, barão Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852) (**Fig. 1**); Moritz Rugendas (1802-1958), pintor alemão; Aimé-Adrien Taunay, filho de um membro da Missão Artística Francesa de 1816; Nicolas-Antoine Taunay, irmão do 2.º barão de Taunay, o qual viria a se tornar professor de D. Pedro II durante a infância — esses eram os nomes de maior destaque. Compunham também a comitiva Hercules Florence (1804-1879), polígrafo que viria a se tornar pioneiro da fotografia franco-brasileira, e um especialista em mapas, Néster G. Rubtsov. Os artistas produziram obras que se tornaram lendas do repertório artístico brasileiro e até hoje nos transmitiram as cores de um Brasil virgem, diverso e abundante, observado na pureza de sua essência nativa, em cores similares às que encontramos nas obras de Debret (1768-1848), seu contemporâneo. Que elementos dessa expedição se revestiram de especial significado cultural, nas coleções e obras a seu respeito? Que aspectos poderiam servir de instrumento para as relações diplomáticas e culturais e ser particularmente ressaltados como repositório de conhecimento histórico, no contínuo processo de construção da identidade brasileira?

1 Barão Georg Heinrich von Langsdorff. Fonte: Expedição Langsdorff [catálogo de exposição], p. 47. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010. Url: <https://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Langsdorff.pdf>.

10 Os percursos e percalços da Expedição

- 11 Antes de cogitar a respeito das possíveis respostas, é preciso compreender melhor o objeto do estudo. A comitiva que congregou a missão científica recebeu apoio do czar Alexandre I, iniciando seu trajeto na Fazenda Mandioca, no Rio de Janeiro, e encerrando seu percurso em Belém, no Pará, tendo durado oito anos (**Fig. 2**). A expedição perfez mais de 2000 registros entre mapas, aquarelas, retratos, anotações e registros botânicos, tornando-se talvez a expedição científica mais importante daquele século. Os trabalhos de Rugendas, publicados sob o título *Viagem Pitoresca pelo Brasil*, tiveram boa recepção na Europa, pois foram elogiados pelo naturalista Alexander von Humboldt e comprados na década de 1840 pelo rei Maximiliano II da Baviera. Foram antes exibidos na Exposição Geral de Belas Artes em 1845, somados aos trabalhos de

Debret, quando se abriu o evento à participação de artistas não vinculados à Escola de Belas-Artes a convite dos Taunay.

2 ITINERÁRIO DA EXPEDIÇÃO LANGSDORFF. FONTE: EXPEDIÇÃO LANGSDORFF [CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO], P. 55. RIO DE JANEIRO: CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 2010. URL: [HTTPS://WWW.BB.COM.BR/DOCS/PUB/INST/DWN/LANGSDORFF. PDF](https://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/langsdorff.pdf).

- 12 Obteve também destaque nacional do Brasil, o conjunto dos registros da Expedição Langsdorff enviados à Rússia e redescobertos em 1930 nos arquivos em um porão do Jardim Botânico de São Petersburgo, tendo sido expostos por ocasião da comemoração dos 100 anos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1938; mais recentemente, em 2010, seus principais achados foram consolidados em uma exposição financiada pelo Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), a qual se instalou em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. A expedição foi tema de diversos programas televisivos, séries naturalistas e até mesmo tema de escola de samba, durante a década de 1990, tendo se popularizado ao lado das grandes viagens de naturalistas do século XIX. O trabalho do CCBB tem funcionado como um excelente repositório desse material para pesquisadores e cumpriu com o dever de disponibilizar, em língua portuguesa, os aspectos mais relevantes para o desenvolvimento da historiografia, com visual inspirativo para o desenvolvimento de novos trabalhos literários, artísticos e de pesquisas futuras sobre o tema.
- 13 Conforme o sítio eletrônico e registros da família Engler no Brasil¹ (Engler 2019), em viagem pela província de São Paulo, em 1825, Langsdorff havia iniciado a organização de uma segunda expedição, em sequência à primeira:

Em Itu, conheceu Carlos Engler; que lhe sugeriu realizar a viagem pelo rio Tietê, até Cuiabá, informação esta confirmada por Hércules Florence, em seu diário. Ainda indicou algumas pessoas com as quais deveria manter contato, como Francisco Álvares de Machado e Vasconcellos, que muito o auxiliou nos preparativos. A expedição iniciou-se em 1826, partindo de Porto Feliz para o Mato Grosso. Durante todo o trajeto, a equipe enfrentou inúmeras adversidades, culminando com a perda

da memória de seu líder, Langsdorff, em decorrência de inúmeras doenças tropicais. A expedição encerrou-se em Belém, no Pará, em 1829, de onde seus participantes voltaram ao Rio de Janeiro.

- 14 E nos conta ainda que “Langsdorff retornou ‘gravemente enfermo’ à Alemanha em abril de 1830, falecendo em 1852 em Freiburg, Breisgau (Becher 1990)”.
- 15 Toda a Expedição foi registrada sistematicamente nos *Diários de Langsdorff* (Fig. 3, 4, 5 e 6). Até então, as informações sobre a Expedição tinham como base o diário publicado por Hercules Florence². Conforme Luvizotto (2007), os diários do barão de Langsdorff são compostos de 26 cadernos de diferentes formatos e tamanhos, abrangendo 1388 páginas; e, tendo em vista terem sido escritos originalmente em caligrafia de alemão gótico, as transcrições e preparação dos textos dos diários de Langsdorff se devem ao árduo trabalho do filólogo V. A. Egerov, de Noema Sprintsin, Maria Krutikova e Dimitrij E. Berthels. Após anos de trabalho, foram organizados e publicados em três volumes, pela FIOCRUZ, com o apoio de diversas empresas; estão disponíveis atualmente no portal SciELO Livros³ (Engler 2019).
- 16 Em 1990 foi criada a Associação Internacional de Estudos Langsdorff (AIEL), com a finalidade de trazer para o Brasil uma cópia da documentação da expedição, atualmente disponível para consulta na Casa de Oswaldo Cruz, da FIOCRUZ, no Rio de Janeiro, RJ, e no Centro de Memória da Unicamp (CMU), em Campinas, São Paulo.

3 Trecho do Diário de Langsdorff. Fonte: Expedição Langsdorff [catálogo de exposição], p. 56. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010. Url: <https://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Langsdorff.pdf>.

4 Trecho do Diário de Langsdorff. Fonte: Expedição Langsdorff [catálogo de exposição], p. 92. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010. Url: <https://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Langsdorff.pdf>.

17 A atualidade permanente do tema para o Brasil

- 18 Para compreender o interesse brasileiro na Expedição Langsdorff, seria importante recordar o contexto no qual surgiu o mito do intelectual-viajante na cultura luso-brasileira, à época da monarquia. José Bonifácio, por exemplo, mentor de Pedro II, iniciou sua carreira após concluir seus estudos em Coimbra, participando de um grupo que percorreu centros especializados na Europa durante dez anos para auxiliar o desenvolvimento de armas e indústrias no Reino. A missão para se debruçar sobre estudos da Geologia teria sido ideia do duque de Lafões, fundador da Academia Real de Ciências de Lisboa, a qual naquele tempo buscava aumentar seu prestígio no restante da Europa (Del Priore 2019, 5). Como nos recorda Mary del Priore:

As informações que temos sobre os 10 anos passados longe de Lisboa refletem o retrato dos 'brasilianos' em terras europeias: 'gente lá de baixo', diziam de nós os franceses. 'Escuros e mascadores de fumo', diziam os ingleses. 'Selvagens de cores diferentes', remataria Buffon, enquanto as viagens de François Coreal e R. P. Lafiteau que mencionavam o Brasil desapreciam, se comparados às leituras sobre o Oriente ou os Estados Unidos da América. (Priore 2019, 6)

- 19 A ideia de contra-arrestar um consenso negativo sobre a identidade brasileira parecia estar expressa e implícita na autorização desse tipo de missões e no interesse próprio do intelectual-viajante, ao conceber suas experiências de formação sob o ideal de se tornar alguém dentre os "homens de letras", com vistas a construir biografias históricas relevantes; e, posteriormente, nas missões artísticas, também podemos encontrar esse mesmo espírito, pois a qualidade dos registros e o enfoque artístico romântico também visavam elogiar o que encontravam, contribuindo para reverter uma imagem negativa que se instalava com facilidade perante o vácuo ou diante da falta de informação sobre a vasta e diversa realidade territorial do Brasil. Essas viagens, para todos efeitos, não deixavam de produzir resultados e deter aspectos de uma espécie de diplomacia científica.

- 20 Da missão científica e acadêmica da comitiva da qual participou José Bonifácio, poderia-se concluir sobre a intransponibilidade de certas dificuldades em estabelecer diálogos com algumas Academias estrangeiras, talvez pelo obstáculo linguístico, mas não sem conquistas: observe-se que o périplo de Bonifácio por uma grande variedade de países incluiu resultados relevantes, passando por Paris, onde teve aula com grandes filósofos e testemunhou a Revolução Francesa; por Iena e Weimar, onde conviveu fraternalmente com Goethe e Schiller; por Tirol, Salzburgo, Caríntia, Londres, Áustria, Noruega e Dinamarca, onde pôde elaborar uma visão própria e crítica sobre essas civilizações. Na Suécia, já dispondo de maior bagagem intelectual e proficiência em francês, encontrou condições apropriadas para suas atividades, tendo descoberto doze minerais de relevância durante sua estadia. “O contato com outros cientistas era, nas palavras de Bonifácio [...] oportunidade para adquirir ‘talento na narração e nos detalhes importantes’” (Priore 2019, 12). Esse espírito explorador incluindo elementos de desenvolvimento intelectual e de biografia histórica viria a marcar também a atividade de diplomacia científica do próprio Imperador D. Pedro II, numa tentativa exitosa de aumentar a relevância e destaque do Brasil e do aporte das contribuições científicas e acadêmicas lusófonas na comunidade internacional.
- 21 A expedição de Langsdorff rumo ao interior do Brasil perfazia contudo o caminho contrário: ao invés de se projetar em um percurso previamente trilhado por grandes e prestigiadas celebridades científicas, o grupo de artistas encontraria novos elementos naturais interiores dentro do próprio Brasil, em um contexto no qual as viagens de naturalistas pela América do Sul despertavam a curiosidade por um território desconhecido, dado a entrever aos cientistas que faziam escala no Rio de Janeiro. Também traz à tona uma discussão atual sobre identidade e sobre a vastidão que o território brasileiro ainda ocupa no imaginário nacional e internacional, na poesia, na arte e na literatura brasileira, temas que nos fazem refletir sobre o valor da descoberta e as tensões que ainda existem entre a civilização ocidental e uma imagem depreciada das populações tradicionais da floresta, inatingidas pela tecnologia e a ciência. Assim como as missões científicas, a missão artística buscava elementos para aportar prestígio com seus registros.
- 22 Esse contraste de contatos e as contradições que deles surgem – de um lado, de mapeamento e exploração de recursos desde uma perspectiva externa e, de outro lado, de preservação desse universo pelo qual transitaram os bandeirantes, sertanejos e expedicionários, diante dos quais também se encontrava um sentimento de alteridade – seguem muito presentes nas agendas de cúpulas internacionais sob a forma de distintos discursos. Um olhar histórico sobre a missão nos permite focalizar e fixar hoje elementos no discurso de crescimento econômico necessário, para que o Brasil possa constar entre as grandes potências, diante do G-20, um ideal de grandeza econômica; e também enseja um olhar centrado sobre a preservação de riquezas, hoje transcrito no jargão de sustentabilidade e proteção de florestas, ambientalista, traduzido no consenso internacional de costume, no discurso multilateral e institucionalista favorável às exigências de permanecer no Acordo de Paris. Sob outras denominações e conceitos, o interesse brasileiro segue hoje sendo anunciado sob o signo da vertigem do abismo que se ergue entre essas duas abordagens, a de finalidade utilitária, econômico-comercial, e a de identidade, de preservação da soberania.

5 TRECHO DO DIÁRIO DE LANGSDORFF. FONTE: EXPEDIÇÃO LANGSDORFF [CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO], P. 72. RIO DE JANEIRO: CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 2010. URL: [HTTPS://WWW.BB.COM.BR/DOCS/PUB/INST/DWN/LANGSDORFF.PDF](https://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/LANGSDORFF.PDF).

6 Trecho do Diário de Langsdorff. Fonte: Expedição Langsdorff [catálogo de exposição], p. 116. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010. Url: <https://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Langsdorff.pdf>.

- 23 Essas iniciativas também traziam em seu bojo aspectos que se configuravam elementos constitutivos de uma identidade que ainda se encontrava em formação, com a qual o Brasil pretendia se apresentar ao mundo após a Independência, conformando sentimentos e uma visão nacional dos quais o País ainda hoje se vale para construir suas referências: uma terra de riquezas ilimitadas, devidamente registrada em suas ciências e artes, em obras nada inferiores aos trabalhos que eram desenvolvidos pela vanguarda acadêmica europeia. A imagem do Brasil que se buscava transmitir por meio dos registros da expedição extrapolava o conteúdo dos registros em si sobre a fauna, flora e recursos mineralógicos, pois a exposição das obras, juntamente com os demais trabalhos prévios da Missão Artística Francesa, acarretava ao Brasil demonstrar-se uma nação com capacidade de identificar seus potenciais, suas particularidades e suas diferenças, desbravar terras e sobrepor uma narrativa nova ao discurso inicial

português sobre a terra de papagaios, de uma novidade exótica misteriosa; e também se contrapunha à realidade posterior, de mera colônia fornecedora de matérias-primas, ignorada pelas iniciativas europeias no campo das ciências e das artes.

- 24 Komissarov (1994), ao analisar os registros do lado russo e discurrir em um excelente artigo sobre o contexto no qual a Rússia passava por reformas radicais, quando no início do século XIX buscava aumentar o intercâmbio cultural com artistas franceses e alemães, recorda também outras expectativas que a Expedição Langsdorff viria a atender: dispor de mapas sobre recursos naturais (**Fig. 7**), que para o Império Russo eram estratégicos, e, ao mesmo tempo, estreitar com o continente americano relações diplomáticas e comerciais:

Em 1807, Aleksandr I assinou com Napoleão o Pacto de Tilsit e uniu-se ao bloqueio continental da Inglaterra. Interromperam-se então as tradicionais ligações econômicas russo-inglesas, de grande importância para a Rússia; cessou a exportação para a Inglaterra de cereais e ferro russos, e a importação dos produtos tropicais efetuada pelos ingleses. Nestas condições a Rússia tentou ativar o comércio com os países da Ásia, com os Estados Unidos, com as repúblicas da América do Sul, então em guerra com a Espanha, e, é claro, também com o Brasil, onde estava estabelecida desde 1808 a corte dos Bragança. Um partidário do desenvolvimento do comércio com o Brasil era o conde Nikolai Rumiantsev, que ocupava, desde 1809, o posto de Chanceler do Império. Com o começo da guerra de 1812, São Petersburgo e Rio de Janeiro eram participantes do mesmo campo estratégico-militar, o anti-napoleônico. Para a capital brasileira foi enviado como Ministro Plenipotenciário Fedor Pahlen, e estabelecido o Consulado Geral, que Langsdorff assumiu em 1813. (Komissarov 1994, XIV)

- 25 Com a criação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve em dezembro de 1815, na corte já não se falava sobre o regresso da Família Real à Europa, de modo que Langsdorff resolveu estabelecer-se no Rio de Janeiro, comprando a Fazenda da Mandioca em 1816, hoje no município de Magé – RJ. Acabou por substituir o embaixador russo novamente no período de 1817 a 1819, pois, por falta de experiência diplomática, Balk-Polev se indispôs com o conde da Barca, apoiou abertamente a posição pró-espanhola na contenda entre Rio de Janeiro e Madri, ligada com a Banda Oriental, e teria violado grosseiramente a etiqueta numa audiência com D. João VI. O embaixador russo foi acusado de desacato e, junto com seu conselheiro, abandonou o Rio de Janeiro.

7 Mapa de Rubtsov (planta de uma fábrica de ferro). Fonte: Expedição Langsdorff [catálogo de exposição], p. 234. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010. Url: <https://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Langsdorff.pdf>.

- 26 Familiarizado com os brasileiros e suas aspirações à época, conforme Komissarov, Langsdorff compreendia perfeitamente que os dias do regime colonial no Brasil estavam contados: “Me parece que já está muito próximo o tempo em que o Brasil se separará para sempre da Metrópole – escrevia ele para São Petersburgo no mês de julho. – Dá-se conta demais da sua grandeza e os seus habitantes nunca mais consentirão ser governados pelas ideias exaltadas das Cortes portuguesas”.
- 27 Com o início da década de 1820, Langsdorff se aproveitou da necessidade de apoio político da Corte, tendo em vista que a Rússia ainda não reconhecia o Império do Brasil, para insistir na autorização de que sua comitiva de cientistas e artistas pudesse realizar o trajeto pensado:
- O Rio de Janeiro desejava contatos políticos com São Petersburgo, que, no entanto, mantinha-se na sua antiga posição. Criou-se assim uma situação favorável, em que Langsdorff interessava muito ao governo brasileiro. Em 1824, ele considerou finalmente ser possível empreender a viagem ao interior do país e recebeu o apoio necessário do Imperador brasileiro. Mas naquele tempo a situação financeira e política no Brasil restringia a escolha do itinerário. Não havia dinheiro para a investigação da Amazônia. Na fronteira Sul não cessavam conflitos militares com os uruguaios. As províncias do Nordeste estavam em oposição ao Governo. Langsdorff escolheu então a Província de Minas Gerais. (Komissarov, 1994: XVIII)
- 28 O longo período da expedição, de oito anos, também pode ser compreendido à luz da indefinição das relações diplomáticas russo-brasileiras, pois, após recomendar que o Império Russo admitisse o pacto luso-brasileiro e reconhecesse o Império do Brasil, à semelhança de Portugal, Inglaterra e França, e após fornecer uma carta de recomendação a um representante brasileiro para que se estabelecesse em solo russo:

Langsdorff recebeu uma severa reprimenda por sua carta de recomendação, e Souza Dias nunca chegou a São Petersburgo. O Imperador russo desejava conservar no Brasil o Consulado-Geral, até certo momento, longe do governo de Pedro I. Naquela situação, o melhor, para evitar os problemas, seria continuar a Expedição. Dessa forma os recursos para as suas despesas foram triplicados, passando de 10 para 30 mil rublos por ano. (Komissarov 1994, XIX)

- 29 Durante sua estadia na Fazenda Mandioca, além de ter estabelecido colonos alemães, os diários do barão de Langsdorff também trazem registros de visitantes ilustres: os primeiros descobridores da Antártida, Mikhail Lazarev e Fabian Bellingshausen, líderes da frota russa e Fedor Litke, mais tarde presidente da Academia de Ciências de São Petersburgo e um dos fundadores da Sociedade Geográfica Russa:

Langsdorff recebeu o conhecido astrônomo Ivan Simonov, o célebre físico Emili Lenz, futuro reitor da Universidade de São Petersburgo, Kirill Khlebnikov, a quem chamavam ‘Cronista da América Russa’, e outros participantes, instruídos e ávidos de conhecimentos, membros das viagens de circunavegação: os oficiais da frota Aleksei e Andrei Lazarev, Pavel Novosilskii, Semen Janovskii, o médico Petr Ogievski, o tradutor Akhiles Shahd’skii, o literato dezembrista Dmitrii Zavalishin. Todos eles buscavam conhecer o Brasil por intermédio e com a ajuda de Langsdorff, aproveitando as suas explicações, ouvindo os seus relatos, examinando as coleções dos objetos naturais recolhidos por ele. De regresso à Rússia, muitos de seus visitantes publicaram as suas impressões sobre o visto. Surgiu toda uma ‘literatura marítima’, que deve a Langsdorff a riqueza cativante das páginas dedicadas ao Brasil. Graças a ele o Brasil tornou-se muito mais compreensível e próximo para os russos. (Komissarov 1994, XX)

- 30 O Brasil parecia ter trazido vantagem inequívoca para o melhoramento das relações diplomáticas com a Rússia ao autorizar a expedição proposta pela comitiva do cônsul Langsdorff, ainda que por meio de um Consulado-Geral, optando por manter um relacionamento em bons termos com o diplomata russo. Nas negociações diplomáticas pesou em maior medida a pressão da Inglaterra para que o Império Russo não opusesse resistência ao reconhecimento do estatuto internacional do Brasil, o que finalmente ocorreu em 1828. Langsdorff então estabeleceu vice-consulados e ofereceu registros que apontavam uma expectativa positiva quanto às possibilidades futuras de comércio, o que se torna claro pelos mapas guardados pelo governo russo da época.
- 31 **Das expedições mais conhecidas e de suas finalidades diversas**
- 32 Em que se diferenciou a Expedição Langsdorff das demais, as antigas, como as dos bandeirantes e jesuítas, e as modernas e posteriores? O intuito e natureza da expedição russa traduzia o espírito de uma exploração colonial?
- 33 As missões de expedição mais conhecidas para mapear e explorar o interior do Brasil sem dúvida encontravam, antes de mais nada, uma justificativa econômica, pois sua explicação precípua de financiamento também consistia na busca de ouro, metais, pedras preciosas e recursos naturais que pudessem custeá-las financeiramente. Mas, em um tempo em que a produtividade agrícola ainda não havia sido concebida, notamos pelos registros dos mapas da Expedição Langsdorff que seus integrantes também pareciam sinalizar respostas quanto ao potencial agrícola das terras brasileiras, aclamadas por Pero Vaz de Caminha, num tom otimista, como “terra em que, em se plantando, tudo dá”. Isso podemos deduzir pelos registros de área verde e de distintas escalas e aquarelas para atribuir e identificar a exuberância da selva, pela disponibilidade de mão-de-obra sinalizada na representatividade das aquarelas e pela simpatia dos retratos do conde de Azambuja (Fig. 8) e do conde de Bobadella (Fig. 9),

então 1.º vice-rei do Brasil. Ao que tudo indica, o barão de Langsdorff, sendo o cônsul russo, bem aproveitava a justificativa de sua missão para abrir portas e ganhar simpatias com que pudesse intensificar e facilitar as relações diplomáticas entre os dois países.

8 Conde de Azambuja. Aquarela. Aimé-Adrien Taunay, 1827. Fonte: Expedição Langsdorff [catálogo de exposição], p. 155. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010. Url: <https://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Langsdorff.pdf>.

9 Conde de Bobadella. Aquarela. Aimé-Adrien Taunay, 1827. Fonte: Expedição Langsdorff [catálogo de exposição], p. 154. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010. Url: <https://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Langsdorff.pdf>.

- 34 Na época dos bandeirantes era certamente no ouro, e não no outro, que se encontrava a melhor justificativa para pedir o direito de cobrar taxas sobre as passagens de rios no caminho para as minas goianas, feitas por Bartolomeu Bueno da Silva, o segundo

Anhanguera. Bartolomeu Bueno da Silva (Anhanguera) Filho (1672-1740), explorador e sertanista bandeirante português, fez a oferta ao rei D. João V de Portugal, que foi por ele aceita quando a expedição foi organizada. Em 1722, partiu de São Paulo com a intenção de percorrer novamente os sertões que visitara quarenta anos antes com o pai; durante quase três anos, explorou os sertões goianos em busca da lendária Serra dos Martírios e encontrou ouro no Rio Vermelho.

- 35 Cora Coralina, muito posteriormente, descreveu também na literatura a chegada do segundo Anhanguera a Goiás, em sua obra *O tesouro da Casa Velha da Ponte*:

Mesmo na frente da casa velha, do lado de lá do rio, há mais de duzentos anos, caminhando para trezentos, tomou chegada a Bandeira dos 'Polistas'. Porto da Lapa foi chamado o lugar onde desembarcou no dia 26 de julho de 1728 a gente do Anhanguera. Desembarcou e logo trataram todos de levantar a igreja da Lapa em honra e glória da Nossa Senhora dos Caminheiros que, depois de passadas e erradas sem conta pelo grosso do sertão, os trazia, afinal, no roteiro certo da tribo Goiás. (Coralina 2001, 41)

- 36 Mas não se poderia dizer que o legado de mitos e lendas criadas e repercutidas junto aos índios sobre pai e filho bandeirantes pudesse equivaler ao esforço técnico muito mais avançado da comitiva da qual se fez acompanhar o cônsul russo, nem que se buscasse de modo algum incluir intuitos outros que pudessem relegar o interesse exploratório do território colonial a um segundo plano.
- 37 Poderia se pensar, por outro lado, que as missões jesuíticas, muito anteriores ao desbravamento pelos bandeirantes, poderiam estar mais imbuídas do mesmo espírito desbravador e civilizacional de Langsdorff, embora menos dirigido por assuntos consulares, comerciais e diplomáticos. Por oportuno, observe-se que os escritos do Padre Manuel da Nóbrega, chegado a Salvador em 1549, conformam a obra literária produzida no Brasil e talvez se aproximem de um repertório com registro literário, embora não artístico nem científico à altura. Em suas cartas, encontram-se os primeiros registros sobre o povo brasileiro, ainda que sob o ponto de vista de um catequizador. Contribuiu para o estudo dos costumes da sociedade tupinambá, em suas cartas do Brasil ao Padre Simão Rodrigues, provincial em Portugal, e ao Padre Pedro Domenech, em Lisboa.
- 38 O Padre Anchieta, considerado o primeiro gramático, dramaturgo e poeta brasileiro, talvez tenha deixado registros de maior valor artístico, tendo chegado a Salvador em 13 de Julho de 1553 e produzido o primeiro dicionário de tupi. Recordem-se também os "40 mártires", quando em 1570 o jesuíta português Inácio de Azevedo e trinta e oito companheiros, trinta portugueses e oito espanhóis, rumando ao Brasil em uma expedição, foram assassinados nos mares das Ilhas Canárias por corsários comandados pelo protestante calvinista francês Jacques Soria; aos 39 mártires se somaria no dia seguinte o irmão jesuíta Simão Costa. Quando recebeu a notícia do martírio dos coirmãos, o Padre Pero Dias, que se encontrava na Ilha da Madeira, escreveu uma carta, que se tornaria famosa, na qual chamava de "o ditoso sucesso" o martírio dos quarenta missionários e desejava para si a mesma sorte — o que obteve no ano seguinte, partindo em missão para o Brasil com outros missionários jesuítas (Fig. 10).

10 Martírio do Padre Pero Dias e 11 companheiros. Gravura de Melchior Kuhsel, Martirologo de Mathias Tanner. Biblioteca Nacional de Portugal. Url: [https:// bit.ly/33WJ1X6](https://bit.ly/33WJ1X6). Domínio público. Fonte: Wikimedia Commons.

- 39 Novamente à passagem pelas Canárias, a 13 de setembro de 1571, a nau em que estavam foi atacada por uma armada de corsários, quatro naus francesas e uma inglesa, comandados por Capdeville; tal como no sucedera com os do ano anterior, mais missionários foram martirizados, por ser católicos, restando apenas o martírio como registro de valor religioso do espírito desbravador com que o Brasil atraía viajantes.
- 40 Não parece, portanto, estranho à realidade do século XIX que expedições e missões de caráter religioso e desbravador, mas que tinham como subproduto trabalhos artísticos, fossem financiadas por governos ou pela Igreja, tendo em vista a necessidade de conhecer os limites do território até então desconhecido e realizar um inventário dos recursos naturais, mapeando também os recursos territoriais disponíveis. Mais tarde, também Marechal Rondon (1865-1958) iria dar prosseguimento a esse “espírito” desbravador que observamos na Expedição Langsdorff.
- 41 Nisto convém recordar que, na obra *Instinto Supremo*, o notável autor luso Ferreira de Castro consolidou em um romance a narrativa da missão de pacificação dos índios parintintins, na selva amazônica, por um grupo de discípulos do general Cândido Rondon, no início dos anos 20 do século XX. José Maria Ferreira de Castro, português notável, foi um jornalista e escritor que emigrou para o Brasil aos doze anos; chegou a Belém em 1911 para trabalhar em uma plantação de borracha, o que lhe serviu de inspiração para o seu primeiro livro, *Criminoso por Ambição*, publicado em 1916, e, após retornar a Portugal em 1919, para a sua obra mais famosa, *A Selva*, publicado em 1930 e filmado em 2002. O seu livro *A volta ao mundo*, no qual compilou histórias de viagens no cenário da II Guerra Mundial, foi também celebrado nos círculos de alta cultura; o autor foi indicado ao Nobel de Literatura, e necessariamente divulgado em Hollywood. Em seu livro *Instinto supremo*, o famoso lema de Rondon orientava então a ação dos homens enviados pelo Serviço de Proteção aos índios e era transmitido aos trabalhadores por eles recrutados: “Morrer se necessário for; matar, nunca!”. O etnólogo Curt Nimuendajú, um alemão naturalizado brasileiro, é no romance a personagem que assume maior relevância, servindo de porta-voz de Ferreira Castro, que constrói uma

narrativa na defesa da civilização indígena, que viria posteriormente a produzir efeitos concretos no estabelecimento da Funai e do Estatuto do Índio no Brasil.

- 42 A análise valiosa de Ferreira de Castro contribuiu para a formação do imaginário sobre a paisagem amazônica nos ambientes internacionais de alta cultura, e também dentro do próprio Brasil, ao identificar o lado precário da economia extrativista. É um tema que mereceria uma análise à parte, tendo em vista a disposição dos objetivos da Primeira Experiência de Planejamento Público na Amazônia (SPVEA), pela lei 1804 de 6/1/1953, a qual criou a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (Kon 1999, 269-306). É difícil ignorar que a concepção do desenvolvimento dessa região levou em conta a realidade que se construiu culturalmente a respeito desse espaço, bem como os resultados e registros das incursões territoriais.

43 **Por que a Expedição Langsdorff foi única?**

- 44 Embora não seja este o objeto fundamental de análise deste artigo, podemos considerar que, do ponto de vista técnico, a expedição de Rondon poderá ter contribuído em maior medida que a Expedição Langsdorff para o inventário de recursos e mapeamento territorial presente, ao ter levado em consideração não apenas o registro topográfico, mas também o etnográfico, além de ter acrescentado detalhes pitorescos e incluído aspectos de prestígio político com a visita de Theodor Roosevelt à Amazônia; todavia, essa nova visão expedicionária sobre o território brasileiro manteve essencialmente o “espírito” que primeiramente identificamos na Expedição Langsdorff: assinalar a grande amplitude e os vastos limites de possibilidades, de modo a valorizar riquezas naturais, energéticas e minerais. Contudo a expedição de Rondon não refletiria, ao menos não do mesmo modo, o cerne do que consistia a essência da Expedição Langsdorff, aliando a arte do registro à finalidade político-diplomática desde a sua concepção. Se bem que é verdade que contribuiu para um maior conhecimento da região que restava desbravar (a Amazônia) e ganhou propósito diplomático com a companhia do Presidente norte-americano (o que também permitiu inserir essa região no discurso, na auto-imagem e na concepção do território nacional brasileiro a ser administrado e defendido), não veio a ter um desdobramento imediato sobre a estética e sobre o imaginário nacional, dentro da estrutura política interna; ao menos não de forma tão completa com a qual a Corte brasileira difundiria seus resultados, ou da maneira com que outros países europeus viriam a conceber e discernir a identidade brasileira dos seus vizinhos latino-americanos, associando a imagem do Brasil a uma paisagem rica de recursos naturais valiosos, natural e exuberante, tropical e exótica.

- 45 O poeta e diplomata Davino Ribeiro de Sena (Fig. 11), que baseou seus registros poéticos sobre o hiato que se desnudava entre o pensamento luso, o pincel francês e a selva brasileira, nos versos em epígrafe, e também nas estrofes a seguir, talvez tenha captado melhor uma explicação para a construção do cenário no qual os artistas pretendiam transitar, para deixar ao Brasil e à Europa o legado de suas obras românticas, as contribuições de seus trabalhos científicos:

Mandioca vivia o auge
a nuvem da prosperidade:
visitantes cientistas
casa de dois andares
moradias e depósito
moinho de roda d'água
doces plantações de café
milho, batata e mandioca.

Quem visitasse a fazenda
dissiparia as nuvens
aprenderia coisas
quase vivas, tal o arado.
A fazenda era lida
em São Salvador, Goiás
e Ouro Preto; era relida
em Moscou e São Petersburgo.
É preciso dizer, orgulhosamente,
que a fazenda tinha coleção
zoológica, jardim botânico
e coleção mineralógica.
O 'quartel-general
das pessoas dignas'
foi visitado por Saint-Hilaire
e Spix; sobre ele
escreveram o historiador
inglês, Henderson,
e o literato francês, Dennis.
Na fazenda se esboçou
a expedição mais decisiva
de quantas pesquisaram o rio
e a mata, o Brasil e a vida.
Sena 2007, 24-25.

- 46 A importância de sair de redomas do pensamento sociológico para alcançar toda a potência da experimentação, permitindo que paisagens intocadas sejam incorporadas irreversivelmente pelo viajante em sua vivência e personalidade, segue sendo um assunto enigmático e de atração incontornável de artistas e cientistas interessados pelo Brasil, do qual a Expedição Langsdorff, ao captar o que se lhe apresentava de intangível, na missão que se propunha a ofertar relatórios, parece ser ainda o melhor registro de aventura a ser revivida: uma fonte inesgotável de uma retórica nacional geográfica e de identidade histórico-visual de nosso País. É, de longe, a iniciativa romântica, mas também pragmática, do barão alemão tornado cônsul russo, que soube incorporar a cultura brasileira que nos chega até hoje nos anais artísticos, científicos e históricos de sua época, conservando a necessidade de prestígio pela qual o Brasil sempre se pautou ao buscar elaborar a sua imagem internacional.

11 Reprodução da capa do livro do poeta e diplomata Davino Ribeiro de Sena sobre a Expedição Langsdorff. Fonte: Sena, Davino Ribeiro de. 2007. Expedição. Rio de Janeiro: 7Letras.

47 **Considerações sobre a expedição de Langsdorff e sua importância para a formação da identidade cultural do Brasil contemporâneo**

48 A imagem brasileira amparada nessas referências históricas e artísticas, que bem conjugaram um espírito de desbravamento, confere elementos identitários ao longo de um percurso, demarcando diferenças topográficas e etnográficas para encontrar valores de diversidade e exuberância pelos contrastes da fauna, da flora e dos povos que se fazem presentes no território.

49 Quando pensamos em como projetar essa imagem externamente, há contudo, na cultura e na história brasileiras, um paradoxo curioso: do ponto de vista político e comercial, o Brasil foi, durante a maior parte do tempo, um país fechado; ainda hoje o peso externo em sua economia, por exemplo, não alcança 40% (Bacen 2009), estrutura econômica intencionalmente pensada, a qual por vezes protege o seu território contra o impacto de crises internacionais. Por outro lado, culturalmente, o povo brasileiro é bastante aberto ao novo e sempre recepcionou bem os que aqui chegaram, tomando de empréstimo características e hábitos dos recém-chegados e incorporando-os aos seus costumes. Naturalmente isso parece resultar da formação colonial transmitida pela própria organização dos portugueses, muito mais abertos ao estrangeiro e ao novo que os povos dos demais países europeus. O período formador da identidade brasileira enquanto cultura independente de Portugal – embora indelevelmente a ele ligada – coincide precisamente com o período do início do século XIX, quando, conforme as palavras do barão de Langsdorff já citadas por Komissarov, os brasileiros deram-se conta de sua dimensão e grandeza. Na mesma época em que, por questões políticas, comerciais e culturais, o governo, primeiro colonial, depois real e então imperial, esforça-se para mostrar o Brasil ao mundo e reforçar sua identidade, o brasileiro também passa a se perceber como um povo e a estabelecer uma relação de pertencimento mais profunda com a própria terra calcada nesse significado de amplitude, diversidade, exuberância. O ufanismo cristalizado posteriormente no hino nacional, com frequentes referências à natureza, e também por algumas décadas presente no discurso político, sempre relacionou tamanho e pujança do território, disponibilidade de recursos e riqueza; e foi, aliás, elemento relevante de governabilidade, durante a fase do regime militar brasileiro, de 1964 a 1986.

50 Há contudo um aspecto sociológico que conviria salientar para demarcar o que diferenciou a Expedição Langsdorff de outras iniciativas expedicionárias semelhantes organizadas pelo governo colonial ou, posteriormente, pelo governo republicano: a concepção de modalidades de organização da vida e da identidade baseada, não apenas em um recrutamento pelo laço familiar ou pelo nascimento em um território, entre aqueles que já são membros de um sistema de governo e de uma estrutura política, dentro dos limites impostos por leis promulgadas, onde se encontra uma sociedade cooperativa que pressupõe a existência de famílias, bairros, cidades, igrejas e seitas, etc. (Shils 1970, 332-335); mas também em um efeito de modernização da construção da identidade territorial, que passa a incluir um pensamento nacional organizado pela criação de uma cultura própria, assente na história, na geografia e no empreendimento científico, que resulta de manifestações culturais artísticas, e não necessariamente do vínculo familiar e de pertencimento ao lugar. Considerando o enorme peso que esses sistemas de identificação simbólica tinham no Brasil colônia e talvez ainda tenham, essa é talvez a razão pela qual os resultados da Expedição Langsdorff ainda sejam atuais e tenham enorme significado cultural para o Brasil. Daí a relevância do “espírito”

desbravador, científico e artístico para a modernização simbólica da identidade brasileira, de valores ideais ou transcendentais, sobre a origem e destino do país.

51 Atualmente o Brasil passa por uma situação semelhante, que é o desejo de mostrar-se ao mundo de um modo novamente modernizado, desta vez transpondo a imagem de uma terra de abundância para um lugar em que, de maneira análoga ao que se propunha a Expedição Langsdorff, se consubstancia por um patamar tecnológico relativamente maior que o anterior; planta-se e colhe-se, mas a abundância natural é reforçada pela tecnologia na agricultura e pelo progresso. Também de modo análogo, considerando que a Expedição Langsdorff nasce não apenas do interesse científico, mas também de uma iniciativa diplomática do cônsul russo, ao considerarmos hoje o espaço diplomático do grupo econômico dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), temos um paralelo interessante para pensar a relação do Brasil com outros países e a projeção da sua imagem nacional como país emergente, como país do futuro, nas palavras ainda ressonantes de Stefan Zweig; pois as mentalidades estampadas por meio do pitoresco talvez sejam marcadas por maior fascínio, tanto maior seja a diferença cultural, persistente a despeito dos efeitos da globalização, quando defrontamos a sociedade brasileira com a configuração das sociedades euro-asiáticas; e, em menor medida, com as sociedades africanas, tendo em vista que no Brasil a cultura afro-brasileira passou por recente restauração e valorização.

52 Há muitas teses no Brasil sobre a vocação de liderança e de exercício de um papel internacional na qualidade de “Grande Potência”, e esse pensamento se faz presente também por referências implícitas nos meios de comunicação, por expectativas de espaço e de voz no cenário internacional, sobretudo quando a diplomacia brasileira exerce as suas tarefas. Mas o que é mais indispensável para conjecturar sobre os possíveis usos do material artístico e científico da Expedição Langsdorff, parece-nos, seria compreender desde um ponto de vista técnico a importância do prestígio e a que o prestígio se presta nas relações internacionais. Conforme Weber,

O poder das estruturas políticas tem uma dinâmica interna específica. À base desse poder, os membros podem pretender um ‘prestígio’ especial, e suas pretensões podem influir na conduta externa das estruturas de poder. A experiência nos ensina que as pretensões de prestígio estiveram sempre presentes na origem das guerras. [...] O prestígio do poder, como tal, significa na prática a glória do poder sobre outras comunidades; significa a expansão do poder, embora nem sempre pela incorporação ou sujeição. [...] Finalmente, em virtude de uma inevitável ‘dinâmica de poder’, sempre que surgem pretensões de prestígio – e isso resulta normalmente de um agudo perigo político para a paz – elas desafiam e exigem a competição de outros possíveis portadores de prestígio. A história da última década, especialmente as relações entre a Alemanha e a França, mostra o efeito destacado desse elemento irracional em todas as relações exteriores políticas. O sentimento de prestígio pode fortalecer a crença ardente na existência real do nosso próprio poderio, pois tal crença é importante para a confiança positiva em caso de conflito. [...]. Hoje em dia, é comum referirmo-nos às comunidades que parecem ser portadoras do prestígio de poder como as ‘Grandes Potências’. (Weber 1982, 187-189)

53 Embora Weber se referisse sobretudo a um primado econômico, e em especial aos recursos decorrentes das bases econômicas lançadas pela busca de prestígio, é interessante notar que essa dinâmica desempenha um papel importante nas atitudes de burocratas e oficiais, hoje os expoentes naturais e primários desse desejo de prestígio que permeia as iniciativas de Estado; pois a própria estrutura do Estado se conforma para obter um primado nas iniciativas e temas em que negocia, nos quais é orientada para buscar resultados favoráveis para o interesse nacional. Nessa dinâmica as

pretensões de um país não são necessariamente orientadas para a expansão, mas é nesse contexto que a identidade ganha um significado cultural relevante; isso porque, quando se reveste de prestígio, atende às expectativas de uma estrutura política de fortalecer a crença na existência de um poderio, sem o qual as iniciativas políticas e econômicas não prosperam.

- 54 No tempo presente esse poderio já não se desdobra sobre um sentimento de confiança em caso de conflito da mesma maneira que nas sociedades e configurações políticas de que nos fala Weber, pois o Brasil, em sua vizinhança, não se orienta pelo conflito nem está habituado a conceber a possibilidade de guerra, sendo as fricções com vizinhos resolvidas desde há muito pelo primado do Direito Internacional, herdado da cultura lusa, sustentado pela sua tradicional diplomacia. O mesmo raciocínio, contudo, não parece se aplicar a outras nações, as quais ainda se encontram imersas dentro de uma realidade competitiva por um domínio político de considerações geoestratégicas; e a dinâmica do prestígio para se relacionar com países de pretensões expansivas requer uma capacidade aprofundada de reter aspectos identitários e linguísticos que confirmam poder discursivo. Os desafios da lusofonia, por exemplo, denotam o estabelecimento de um valor cultural associado a uma preponderância e influência em diversos territórios por meio da solidariedade linguística, possível graças a uma identificação mútua entre países, originados em uma história conjunta, e também uma história de interesses de prestígio partilhados. A Rússia é um dos atores que participam dessa configuração política internacional na qualidade de Grande Potência, e suas pretensões de prestígio se interseccionam necessariamente com as de outros países, como o Brasil. Essa mensagem cultural sobre a identidade brasileira, fundamentada na amplitude territorial, na diversidade biológica e na abundância de recursos naturais, energéticos e minerais, tal como era concebida à época de Langsdorff, agora se movimenta em um cenário político muito diferente, há pouco tempo marcado pela superação do antagonismo que o Ocidente dirigia à marca ideológica comunista. Também nesses últimos duzentos anos, poucos países passaram por tão grandes mudanças, estando o Brasil em condição comparativa muito superior àquela na qual se encontrava do início do século XIX, neste momento inserido entre as dez maiores economias do mundo. A composição migratória e a construção de pequenas cidades no Brasil, inserindo no território culturas do Leste europeu, também parecem convidar a identificar potenciais parcerias culturais de interesse mútuo nessa referência histórica da Expedição Langsdorff, porque se tratou de uma experiência fundamentada na contrapartida de reciprocidade. E a imensa carga simbólica de uma identidade exótica, que se almeja dominar, convida também a enxergar as vantagens de buscar nas relações internacionais culturais um espaço histórico previamente construído, ao invés de regatear junto à comunidade internacional por reconhecimento, como penhor para o estabelecimento de novas iniciativas. Afinal, a autonomia identitária nacional como fruto da descoberta científica, e não da configuração cultural por determinação externa, favorece alcançar uma imagem sociopolítica interna estável, pré-condição necessária para ensejar, por sua vez, a estabilidade das trocas comerciais e culturais que acompanham a intensificação de um relacionamento diplomático satisfatório; pois não se pode tomar para si a identidade do outro, ou se atribuir a um país uma identidade que não lhe pertença, sem causar uma profunda indignação ou uma permanente desconfiança.

- 55 Quanto à China, já uma potência de primeira grandeza em diversos aspectos, a posição em que o estabelecimento dos BRICS coloca o Brasil parece extremamente útil para o desenvolvimento de uma identidade nacional brasileira que, desde as décadas mais recentes, vem se delineando sobre a pujança de recursos naturais e a riqueza da biodiversidade, elementos pronunciados nos registros da Expedição Langsdorff. A atuação dos demais parceiros do grupo, Índia e África do Sul, na qualidade de potências emergentes em ascensão – ainda que em estágios e condições objetivas bastante diferentes –, também parece fortalecer um espaço favorável a que o Brasil coordene e encontre novas oportunidades de se afirmar como potência soberana e independente, na qualidade tão almejada de novo integrante da OCDE e do “Primeiro Mundo”, no jargão arcano, por meio do estabelecimento de relações em pé de igualdade entre esses três países, tendo em conta a autonomia cultural (haja vista que esses países apresentam aspirações semelhantes).
- 56 O estudo da Expedição Langsdorff, portanto, se tomado como uma referência, é, não apenas extremamente valioso do ponto de vista histórico-cultural, mas também útil desde as perspectivas política e diplomática, pois a tradição formada nas missões artísticas e científicas do passado, com vistas a transparecer um nível de desenvolvimento compatível com a cultura europeia, pode servir de guia inicial para a construção da imagem internacional contemporânea do Brasil, ao menos em um território de memória, menos sujeito às oscilações de humores da opinião pública. Em parte essa percepção de que o resultado artístico da Expedição Langsdorff poderia contribuir para sedimentar uma identidade nacional consta muito sutilmente no retrato posteriormente encomendado por Afonso Taunay (Cadeira 01 da Academia Brasileira de Letras), quando substituiu, na encomenda ao artista Oscar Pereira da Silva, a bandeira russa pela bandeira brasileira, na retratação histórica (**Fig. 12**). Essa construção do passado como um patrimônio próprio ainda hoje se faz presente na intenção de unificar vocações da ciência natural com o elemento tecnológico. Neste momento, contudo, não mais retratando o Brasil como mero receptor de exploradores e pesquisadores estrangeiros, mas como produtor artístico e cultural autônomo e fornecedor de subsídios a pesquisadores renomados. Nesse pretexto artístico, o Brasil bem poderia aproveitar melhor o contexto em que se insere, reforçando as diferenças que unem os BRICS, onde se encontra mais bem nivelado, como um espaço ideal para projetar a identidade que deseja construir, do que inevitavelmente se agregaria valor, também, ao patrimônio cultural e linguístico lusófono; tendo em vista que o passado no qual a Expedição Langsdorff se transcorre e produz seus resultados é um lugar histórico que pertence tanto ao Brasil quanto a Portugal.

12 Reprodução da pintura "9º Encontro de Monções no Sertão", de Oscar Pereira da Silva, encomendada por Afonso d'Escragnoille Taunay, então diretor do Museu Paulista, concluída em 1920. Pertence ao Fundo Museu Paulista sob o número de inventário 1-19212-0000-0000. Imagem: José Rosael/Hélio Nobre/Museu Paulista da USP.

- 57 Destarte, esses elementos de vivacidade, conformados por um impulso científico autêntico de descoberta que, sabemos, fundamenta a identidade brasileira não são instrumentos novos de uso potencial para as Relações Internacionais e a História; pelo contrário, constam como arquivos há muito e ocasionalmente são valorizados na arte e na literatura, embora as referências que possam derivar desse “espírito” cognoscente, de impulso inovador para avançar registros e técnicas de registros, de maneira a produzir uma expressão cultural que fascine pela diferença, sejam mais raras.
- 58 Talvez particularmente curioso tenha sido o destino trágico de quem, mesmo tendo sido acolhido, buscou mapear, definir e incorporar intelectualmente o novo território em que transitava. Os percalços da Expedição Langsdorff dão notas de um esforço autêntico de encontrar as fronteiras espaciais, mas também de transpor limites ao abarcar e mergulhar na vastidão de identidades e na diversidade de lugares existentes no Brasil, como foram os casos de Langsdorff, com a perda de sua memória em alguma paragem erma, ou mesmo do afogamento do pintor Taunay no rio Guaporé, pelas violentas ondas, onde supunha ser possível nadar. O mesmo talvez pudesse se aferir de Stefan Zweig, não analisado, pois naturalmente moderno demais para ser parte da referida expedição em apreço, mas retromencionado, o qual se suicidou pouco depois de redatar a tese sobre o Brasil ser o país do futuro.
- 59 Transitar entre espaços desconhecidos sem deles se tornar parte, sujeito às enfermidades tropicais, ou sem estar ancorado nas crenças ou instruções de instituições de origem, conforme exige o pensamento livre e a iniciativa científica, parece ter sido uma tarefa de difícil execução nesses casos. Disso se poderia retornar com outra perspectiva e visão sobre a experiência exitosa de Ferreira de Castro em sobreviver à selva, à luz dessa onerosidade de consultar práticas locais, de transitar entre amplos espaços vazios nos quais se pode perder referências com muita facilidade, raciocínio mesmo válido para um cientista nativo e familiarizado com a cultura luso-brasileira. Poder-se-ia também rever o imenso valor do esforço do marechal Rondon, se bem amparado por instituições e iniciativa do Estado. O potencial impacto psicológico desse impulso epistemológico de compreender o Brasil vivenciando sua realidade

concretamente, ou desde uma perspectiva da mentalidade ocidental, com motivação de grande apetite intelectual, diante da vastidão de terras e diversidade de lugares a ser apreendidos por quem se abandona a essa tarefa, *in extremis*, ou a ponto de chegar perto do limite do esgotamento de saúde física e mental e do fim de si próprio, seria um problema ainda a solucionar por futuros pesquisadores, mas um problema não menos interessante.

- 60 A visita ao material da Expedição Langsdorff tampouco deixa de despertar a curiosidade sobre como as expedições no Brasil serviram como desbravamento prévio para os caminhos que foram pisados por seus posteriores e como essa ocupação territorial necessitou ser precedida pela definição prévia dos espaços em um domínio cultural, dos juízos, das impressões e das descobertas registradas; sem estas, as autoridades não estariam amparadas formalmente a projetar novas iniciativas e incursões territoriais do Estado, ou mesmo da Igreja. Resulta também a questão comparativa, sobre o modo como outras civilizações, nos continentes norte-americano, asiático e africano, enfrentaram o desconhecimento para fundamentar a construção de vias e para expandir o povoamento em aglomerados urbanos; e se também nesses territórios vastos se construíram grandes nomes como referências históricas nesse território de memória, por meio do desbravamento do interior do território real e de expedições científicas.
- 61 A Expedição Langsdorff poderia servir, ainda, como referência para novos estudos e para a construção de uma identidade nas disciplinas dedicadas a pensar as relações internacionais, em iniciativas que pautassem a ação diplomática no tempo presente; como também poderia inspirar novas “missões” de caráter exploratório, científico e artístico, as quais se aproveitassem de seus pressupostos, ensejadas por um “espírito” similar de desenvolver novos elementos de identidade e discursos autônomos. Isso também serviria aos dignitários do interesse de Estado, permitindo-lhes transpor uma imagem do Brasil que portam, ao se relacionarem nas esferas da política e da economia, com vistas a culminar em um encontro de interesses equivalentes às convergências de outrora. Já sem vistas à divulgação da existência do Brasil, hoje país bem conhecido no mundo, essas missões seriam voltadas para a redescoberta da pujança e exuberância, para o reforço de elementos identitários autônomos que reforçassem a credibilidade internacional do país, hoje bastante enfocada em um protagonismo como abastecedor agrícola de um quarto do planeta.
- 62 Considerando, entretanto, o ativismo brasileiro nas várias esferas temáticas que conformam o contexto das relações multilaterais, a continuidade de providenciar elementos que reforcem e modernizam uma identidade brasileira de escopo nacional, ou mesmo calcada na riqueza de regionalismos, seria fundamental para consagrar, na visão dos demais países, a impressão de que o Brasil permanece um parceiro confiável e atrativo na diplomacia e nos negócios, pois a dinamização dessa esfera de prestígio depende da contínua renovação de significados culturais próprios.
- 63 É neste intuito de pensar, ao invés de circunscrever, de suscitar, ao invés de definir, de dialogar, ao invés de estabelecer, de divulgar o que visivelmente é de boa qualidade, ao invés de enaltecer o que precisa de elogios, que buscamos portanto conjecturar sobre os usos possíveis desse material histórico colhido na Expedição Langsdorff, hoje não apenas em repositórios do CCBB, mas também disseminado em materiais artísticos e literários, para construir novos elos, pontes e contextos culturais nos quais se desenvolva a identidade brasileira; uma história conjunta indissociável do que foi

construído, autorizado e promovido pela corte portuguesa, porque contribuía também para aumentar o seu prestígio. O elã científico e de história natural, aliado a um propósito diplomático observável no “espírito” de descoberta e de desbravamento suscitado pela Expedição Langsdorff, talvez mais do que nas outras expedições que marcaram a história do Brasil, parece, em suma, constituir uma referência importante para lidar com o que muitos vêm apontando como um momento de crise, com vistas a favorecer a continuidade da construção de estruturas identitárias, e a promover a estabilidade dos diferenciais que expressam e conformam a complexa matriz da cultura brasileira.

BIBLIOGRAFIA

- ARENDT, Hannah. 2011. A vida do espírito. Volume I – Pensar. Lisboa: Editorial Minerva.
- BECHER, Hans. 1990. Barão Georg Heinrich von Langsdorff: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo/Brasília: Edições Diá/UnB.
- Boletim do Banco Central do Brasil. Volume 45. 2009. Brasília: Banco Central do Brasil/ Departamento Econômico (Depec).
- CORALINA, Cora. 2001. O tesouro da Casa Velha da Ponte. 11.^a ed. São Paulo: Globo.
- ENGLER, Carlos. 2019. Sítio eletrônico da Família Engler. Disponível em: <http://cybellef.tripod.com/Engler/cengler/langsdorff.htm>. Acessado em 24/09/2019.
- DEL PRIORE, Mary. 2019. “Desconstruindo José Bonifácio: novo olhar sobre sua biografia”. Carta Mensal 65 (771): 04-36.
- Expedição Langsdorff [catálogo de exposição]. 2010. Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).
- FERREIRA DE CASTRO, José Maria. 2005. O Instinto Supremo. Lisboa: Guimarães Editora.
- GUSMÃO, Luís. 2012. O fetichismo do conceito: limites do conhecimento teórico na investigação social. Rio de Janeiro: Topbooks.
- FLORENCE, Hercules. 1977. Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: pelas províncias brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão Pará (1825-1829). Tradução de Francisco Álvares Machado e Vasconcellos Florence. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.
- KOMISSAROV, Boris. 1994. Expedição Langsdorff: acervo e fontes históricas. São Paulo: Editora da UNESP.
- KON, Anita, org. 1999. Planejamento no Brasil II. São Paulo: Editora Perspectiva.
- LEITE, Serafim. 1965. Novas páginas da história do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- LUVIZOTTO, Rodrigo. 2007. “O diário de Langsdorff: o éthos do cientista viajante”. Dissertação de Mestrado em Letras, Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

OLIVEIRA, Marcela Marrafon de. 2007. Paquequer, São Francisco e Tietê: as imagens dos rios e a construção da nacionalidade. Dissertação de Mestrado em História, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

RIBEIRO, Darcy. 1995. O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.

PARSONS, Talcott. 1969. Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia Ltda.

SENA, Davino Ribeiro de. 2007. Expedição. Rio de Janeiro: 7Letras.

SHILS, Edward. 1970. "Sociedade e sociedades: o ponto de vista macrosociológico". In A sociologia americana: perspectivas/problemas/métodos, org. Talcott Parsons, 332-349. São Paulo: Editora Cultrix.

SILVA, Danuzio Gil Bernardino, org. 1997. Os diários de Langsdorff. Campinas/Rio de Janeiro: Associação Internacional de Estudos Langsdorff/Editora FIOCRUZ, 3 vols. <https://doi.org/10.7476/9788575412444>, <https://doi.org/10.7476/9788575412459>, <https://doi.org/10.7476/9788575412466>.

WEBER, Max. 1989. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia Ltda.

WEBER, Max. 1982. "O prestígio e o poder das 'Grandes Potências'". In Weber, Max. Ensaios de Sociologia, 187-190. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

NOTAS

1. Veja-se <http://cybellef.tripod.com/Engler/cengler/langsdorff.htm>.
2. Veja-se <https://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=15213&cat=Artigos&vinda=S>.
3. Cf. <https://doi.org/10.7476/9788575412442> (Vol. 1); <https://doi.org/10.7476/9788575412459> (Vol. 2); <https://doi.org/10.7476/9788575412466> (Vol. 3).

RESUMOS

Este artigo recorda os principais aspectos e motivações da Expedição Langsdorff, missão de reconhecimento do interior do Brasil iniciada em 1821, composta pelo cônsul russo barão Langsdorff, o pintor alemão Moritz Rugendas, Aimé-Adrien Taunay, Nicolas-Antoine Taunay, o polígrafo Hercules Florence e o especialista em mapas Néster G. Rubtsov. Busca diferenças entre esta expedição e iniciativas outras, a título de exemplo, as dos bandeirantes e jesuítas, bem como a expedição indigenista de Rondon, e propõe o aprofundamento das investigações. Apresenta atributos resgatados pela poesia brasileira contemporânea e elementos constitutivos da identidade cultural brasileira presentes na Expedição Langsdorff, os quais os autores sugerem ser relevantes para pesquisadores do tema e para a inserção do Brasil no contexto internacional político, diplomático e econômico nos tempos hodiernos.

This article reminds the main aspects and motivation of the Langsdorff Expedition, a scientific exploratory mission inward the Brazilian territory carried out in 1821 by the Russian Consul Baron Langsdorff, the German painter Moritz Rugendas, the French painters Aimé-Adrien Taunay and Nicolas-Antoine Taunay, the polygraph Hercules Florence, and the map specialist Néster G. Rubtsov. It analyses why this Expedition differs from previous initiatives, such as the Pioneers in São Paulo and the Jesuits, or such as the indigenist expedition of Marshal Rondon, for instance. It presents its attributes recently recovered by contemporary Brazilian poetry and in the cultural scene, and argue one could find many constitutive elements of the Brazilian cultural identity in its registers, suggesting they may be relevant for further research, and for the international position of Brazil in politics, diplomacy and economic relations at the present time.

ÍNDICE

Keywords: Langsdorff Expedition, Brazilian History, scientific expeditions of the 19th Century

Palavras-chave: Expedição Langsdorff, História do Brasil, expedições científicas do século XIX

AUTORES

R. P. ALENCAR

Ministério das Relações Exteriores, Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6643-0877>. E-mail: contato.anapaulaarendt@gmail.com.

P. R. DE MACEDO-SOARES

Investigador, Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9998-3323>. E-mail: prdemacedo-soares@outlook.pt.